



SÉRIE ENTREVISTAS: Nelson Traquina

Enio Moraes Júnior¹

RESUMO: A partir desta edição, a revista Alterjor publica uma série de entrevistas realizada pelo professor e pesquisador Enio Moraes Júnior. Jornalista formado pela Universidade Federal de Alagoas, Enio é mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e professor do curso de jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing, em São Paulo. Os textos publicados aqui, com nova edição para a revista Alterjor, são parte da sua pesquisa de doutorado sobre formação de jornalistas, que está disponível no banco de teses da USP. Nesta entrevista, realizada em 2010 na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal, o professor Nelson Traquina, conhecido por seus estudos sobre jornalismo, afirma que esta é uma atividade profissional muito exigente e, certamente, suscetível a críticas. Traquina (1948) nasceu nos Estados Unidos, mas tem nacionalidade portuguesa. Foi Professor Catedrático do Departamento de Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa. Entre suas publicações estão *A Tribo Jornalística: Uma Comunidade Interpretativa Transnacional* (2004), *Teorias do Jornalismo: Porque as Notícias são como são* (2004), *O Que é Jornalismo?* (2002) e *O Estudo do Jornalismo no Século XX* (2001).

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo; Nelson Traquina; Ensino do Jornalismo; Interesse Público.*

¹ Professor universitário, jornalista, doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA / USP) e especialista em Jornalismo Político e Econômico. Professor do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), em São Paulo. Tem experiência nas áreas de Jornalismo e Educação, articulando, em suas pesquisas, questões ligadas à linguagem, à cidadania e ao interesse público. E-mail: enio@espm.br

A partir desta edição, a revista Alterjor publica uma série de entrevistas realizada pelo professor e pesquisador Enio Moraes Júnior. Jornalista formado pela Universidade Federal de Alagoas, Enio é mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e professor do curso de jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing, em São Paulo.

Os textos publicados aqui, com nova edição para a revista Alterjor, são parte da sua pesquisa de doutorado sobre formação de jornalistas, que está disponível no banco de teses da USP (<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-23092011-185859/pt-br.php>).

Nesta entrevista, realizada em 2010 na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal, o professor Nelson Traquina, conhecido por seus estudos sobre jornalismo, afirma que esta é uma atividade profissional muito exigente e, certamente, suscetível a críticas.

2

Traquina (1948) nasceu nos Estados Unidos, mas tem nacionalidade portuguesa. Foi Professor Catedrático do Departamento de Ciências da Comunicação na Universidade Nova de Lisboa. Entre suas publicações estão *A Tribo Jornalística: Uma Comunidade Interpretativa Transnacional* (2004), *Teorias do Jornalismo: Porque as Notícias são como são* (2004), *O Que é Jornalismo?* (2002) e *O Estudo do Jornalismo no Século XX* (2001).

O jornalista precisa ser formado, bem formado

Enio Moraes Júnior – Em o *Estudo do Jornalismo no Século XX*, você traz o conceito do jornalismo cívico, em que você diz, textualmente, que “a centralidade desse jornalismo está no cidadão”. É fácil, hoje, ensinar e fazer esse jornalismo?

Nelson Traquina – O jornalismo cívico parte da crítica que os jornalistas estão demasiado centrados nas ações dos atores políticos e estão muito pouco preocupados

com os leitores, os cidadãos. Esse jornalismo, essencialmente, parte do princípio de que os jornalistas devem dar mais atenção às preocupações do cidadão: ouvir os cidadãos, perguntar aos cidadãos quais são as suas preocupações e, por meio de métodos científicos, tentar entender melhor quais são essas preocupações e, tendo isso em conta, mudar a forma como fazem a cobertura da política. Na minha opinião, isso até poderá tornar-se uma obsessão, ou seja, é só apenas em função das preocupações dos cidadãos que se fazem a cobertura política. Acho que o jornalista tem responsabilidades profissionais. E uma dessas responsabilidades é responder à pergunta: o que é notícia? E, eventualmente, tentar prever o futuro. A primeira preocupação do jornalismo cívico é deixar de seguir, como marionetes, os atores políticos. Portanto, é um exagero, sobretudo grave, quando (*os jornalistas*) esquecem por completo as preocupações dos leitores, dos cidadãos.

EMJ – O que você propõe, quando você faz essa reflexão sobre a imprensa, é uma mudança de paradigma da própria construção do discurso jornalístico. Como ensinar o aluno de jornalismo a olhar a imprensa desse jeito?

3

NT – Eu não acho que deverá ser uma mudança radical. Acho que o jornalista deve sempre estar preocupado com os leitores e com as suas preocupações. Isso deve influenciar não apenas os jornalistas, mas igualmente os diretores etc. Todos deveriam estar atentos a essas preocupações e não apenas com a preocupação de vender o produto. Embora historicamente o jornalismo como negócio e o jornalismo como serviço público sempre estiveram em conflito, certamente isso foi agravado nos últimos vinte anos de lucro como interesse prioritário. Isso pelo fato de que os proprietários não são mais, em muitos casos, quem está à frente do negócio jornalístico. Há muitas empresas que não tem nada a ver com o negócio da imprensa e a empresa jornalística é vista apenas pelo *borderline*. Estão a fazer dinheiro e, para atingir esse fim, uma das prerrogativas essenciais tem sido cortar as despesas. Isto quer dizer: cortar jornalista. Isto quer dizer: cortar no envio de jornalistas a reportagens, o envio de correspondentes estrangeiros etc. Infelizmente tem sido exatamente essa a preocupação, o que torna difícil um jornalismo de qualidade e torna difícil que um jornalista deixe de ser apenas o

recipiente da informação. Outro agravante é que, com as novas tecnologias, o jornalista fica sentado e nunca sai da redação porque pode “surfar” na internet e contatar fontes. Mas, penso eu, que uma parte importante do jornalismo é a reportagem. É estar lá, em cima do acontecimento, é ter que desenvolver os contatos, o conhecimento dos atores – não apenas os atores políticos, mas os outros atores. Esse é um processo que vai acumular-se no longo tempo e pode ser que, no dia a dia, não faça assim tanta diferença, mas pode ser importante em relação a outras questões. Como anda a confiança estabelecida com a fonte de informação? Pode ser dramático em casos bem sérios não só para alguns assuntos e para a própria vida do país. Fico preocupado que uma das consequências das novas mídias é fazer com que o jornalista fique preso na redação. Mas, com certeza, essas mídias também trazem muitas vantagens. Aliás, a acadêmica Natalie Fenton, que é professora e investigadora da Goldsmiths College, em Londres, publicou um projeto de pesquisa que tem um título que eu acho fenomenal: *New Media, Old News: Journalism and Democracy in the Digital Age*. Portanto, o que poderá ser é que nós temos mais do mesmo. As novas mídias não são, assim, tão revolucionários como alguns pintam.

EMJ – Como é que ficam essas novas mídias, os *new media*, na cabeça do aluno? Como é ensinar jornalismo hoje com a presença dessas tecnologias na vida, no cotidiano desses jovens? Muita coisa mudou nesses últimos vinte anos?

NT – Isso poderá fazer com que seja mais difícil (*ensinar jornalismo*). Se um professor eventualmente pede trabalhos diretamente ligados à questão que estão a fazer, essas tecnologias evitam, de certa maneira, problemas como o plágio e outros que são um perigo real. Se eu vou exhibir um filme, depois eu próprio faço uma pergunta relacionada a esse filme, a resposta tem que vir do aluno. Ou seja: ele não vai entrar na net para buscar resposta. Em outros casos, pode ser problemático. Dependerá do trabalho que o professor exigir e do que é exigido. Deixa-me preocupado se o consumo das novas mídias tem a implicação de o aluno deixar de consumir as mídias tradicionais. Portanto, eu continuo a achar que será bom comprar o jornal, será bom, enfim, consumir os outros meios de comunicação social e não estar apenas dependente dos *new media*.

EMJ – Você leciona duas disciplinas na Universidade Nova de Lisboa: *Teoria da Notícia*, que é uma disciplina com um caráter bastante reflexivo sobre o jornalismo, e *Produção Jornalística*, que é mais voltada para a prática do jornalismo. O que é mais difícil: ensinar o aluno a pensar o jornalismo – a teoria da notícia – ou ensinar o feitiço do jornalismo – a produção da notícia?

NT – É impossível responder a essa pergunta. Penso que Teoria da Notícia é uma sociologia do jornalismo. O jornalismo tem sua história, portanto, há conceitos importantes. O futuro jornalista deve conhecer a história da sua profissão. Também seria importante conhecer e pesquisar a objetividade como uma oposição à subjetividade. Ser objetivo não tem nada a ver com isto! Objetividade foi o reconhecimento da subjetividade e formas exercer a profissão para limitar as consequências dessa subjetividade. Portanto, eu acho que isso tem a ver com a sua preocupação: eu acho que chegará o dia em que todos os jornalistas serão licenciados (*a palavra licenciado é usada neste texto com o sentido de formado*).

5

EMJ – Em 2009, foi suspensa a obrigatoriedade do diploma no Brasil...

NT – Acho infeliz essa decisão do juiz brasileiro, mas não vou entrar nessa discussão nesse momento. Mas chegará o dia em que os jornalistas vão ser licenciados... É um caminho histórico! Não sei qual será o dia, mas vai chegar o dia em que o jornalista não licenciado vai deixar de existir. Espero que, cada vez mais, a percentagem de jornalistas licenciados em comunicação e jornalismo seja maior. Porque as pessoas licenciadas em jornalismo e em comunicação defendem mais a profissão do que os não licenciados nessas áreas. Tenho dados empíricos que demonstram isso. Neste momento, 89% dos jornalistas norte-americanos são licenciados. Provavelmente, em Portugal, estamos em 30, 40%. Eventualmente na Itália, em 1998, 8% dos jornalistas eram licenciados. É um processo irreversível, e os marxistas devem entender isso. Penso que ser licenciado em

comunicação ou em jornalismo é mais importante em relação a ser licenciado em outra coisa qualquer. E, infelizmente, muitos jornalistas não entendem a importância disso.

EMJ – Qual é a instância que determina a necessidade dessa formação: é o mercado, é o compromisso com a cidadania? De onde vem essa força?

NT – Eventualmente, no Brasil, por razões econômicas, poderá ser que os proprietários vão dar trabalho a pessoas não licenciadas porque é mais barato. E, nesse sentido, historicamente, foi importante a lei que exigia a obrigatoriedade da licenciatura em jornalismo. Porque, infelizmente, os proprietários estão preocupados apenas com o lucrar ou não; com o fazer dinheiro ou o não fazer dinheiro.

EMJ – No caso específico de Portugal, qual a influência do *Protocolo de Bolonha* na qualidade da formação dos jornalistas?

6

NT – Discutível. Eu acho que, mais importante é a posição do Sindicato dos Jornalistas e qual tem sido a sua política em relação ao ensino do jornalismo. E constato que foi uma realidade que, em certa altura histórica, nomeadamente no início dos anos 1980, o Sindicato dos Jornalistas foi do norte ao sul do país apoiando a política do acesso livre à profissão. Ou seja: *tutti-frutti* podia ser jornalista. Ou seja: era um assunto secundário perguntar qual é a formação académica das pessoas. Hoje em dia, o Sindicato está preocupado com o desemprego na área. Pergunto eu ao Sindicato: e o acesso livre que vocês tanto defenderam?

EMJ – Numa entrevista que você concedeu a um jornalista e professor brasileiro, em 2007, e que foi publicada no *Observatório da Imprensa*, você disse algo curioso: que os jornalistas liam pouco sobre o jornalismo. Eles continuam lendo pouco?

NT – Sim, eu acho que jornalistas são pouco curiosos em relação a sua própria profissão.

EMJ – Quem consegue ter um olhar mais crítico para o jornalismo: o jornalista ou o professor de jornalismo?

NT – Eu acho que hoje em dia muitas pessoas têm um olhar crítico em relação ao jornalismo. Muitos atores sociais têm uma leitura crítica em relação ao jornalista. Às vezes, estão sempre contra os jornalistas. Outros atores sociais, nomeadamente os próprios jornalistas, podem ter olhar crítico sobre a imprensa, mas por hábito, para a maior parte da sociedade, o jornalista é um herói, estão sempre a defendê-los. Mas a imprensa é muito sensível às críticas, muitas vezes rejeita as críticas. Oos acadêmicos, por sua vez, são sistematicamente críticos, às vezes, excessivamente críticos. Dou o exemplo de Noam Chomsky, que é sistematicamente crítico. Noam Chomsky já passou um dia numa ditadura para comparar democracia e ditadura como se fosse tudo a mesma coisa? Talvez se passasse um dia numa ditadura saberia o valor da liberdade. Eu não acho que eu sou sistematicamente crítico. Acho que é necessário reconhecer, em primeiro lugar, que o jornalismo é uma atividade muito difícil, que os jornalistas trabalham sob a pressão do fator tempo.